

Dora Kramer*

As desventuras em série do clã Bolsonaro

Uma das várias questões em aberto sobre a eleição deste ano é se Flávio Bolsonaro (PL) manterá sua candidatura à Presidência da República. Outra diz respeito ao grau de influência do sobrenome do ex-presidente nas disputas país a fora e uma terceira tem a ver com o volume de perdas que atingem a família e companhia.

O pai, preso sem chance por ora de cumprir pena em regime domiciliar e apontado nas pesquisas como responsável pelos próprios erros; o primogênito, alvo de enorme rejeição, arrisca-se a perder a renovação quase certa do mandato de senador pelo Rio de Janeiro.

O filho do meio (Carlos), bombardeado por seus pares da direita, insatisfeitos com sua candidatura ao Senado por Santa Catarina; a madrasta (Michelle), boa de palanque, escanteada pelos enteados; o caçula dos homens (Jair Renan) nada significa para o clã como vereador em Balneário Camboriú.

E Eduardo? Bem, este é um caso especial em matéria de infortúnios cavados com as próprias mãos a poder de reiterados tiros nos pés.

Perdeu o mandato de deputado, perdeu a

chance de se eleger senador por São Paulo, perdeu a condição (falsa, vimos depois) de interlocutor do governo Donald Trump, perderá, tudo indica, o emprego público que lhe rendia estabilidade como escrivão da Polícia Federal que determinou sua volta imediata ao posto.

O ex-deputado afirma não ter intenção de retornar dos Estados Unidos onde antes de ser cogitado pelo pai presidente para comandar a embaixada brasileira, fritou hambúrgueres. Talvez encontre alguma ocupação por lá se conseguir se legalizar como imigrante. Por aqui, o que o aguarda é um processo no Supremo Tribunal Federal por obstrução de Justiça.

Observando o quadro sob o prisma da diversidade que assola Jair Bolsonaro e seus herdeiros, de fato faz sentido a presença de um familiar na disputa pela Presidência. Um tiro alto para manter o nome da tribo em voga ao longo da campanha é o refúgio que resta aos campeões nacionais de prejuízos autoinfligidos.

*Jornalista e comentarista de política

Aristóteles Drummond

O que deve ser democracia

Destruir conceitos e valores do regime democrático sempre foi uma bandeira da propaganda esquerdista. Prova maior foi a denominação de República Democrática da Alemanha para aquela parte do território alemão que ficou mais de 40 anos sob a ditadura comunista, sem pão nem liberdade. A diferença de qualidade de vida entre os alemães divididos era gritante. Em Berlim, tiveram de construir um muro para evitar a fuga em massa da população. No Brasil, após a abertura promovida pelo governo do Presidente João Figueiredo, não foi nem tem sido diferente.

O nome democracia e o famoso “estado democrático de direito” tem servido para encobrir estes 40 anos de atraso econômico e social. Usam e abusam desta “democracia” para encobrir um estado irresponsável no trato do dinheiro público, promotor de políticas eleitoreiras que barram o desenvolvimento econômico e social do país. O Brasil desta “democracia” vem crescendo menos do que os demais países. Estamos mal na qualidade e na produtividade. Vivemos da agricultura, pecuária e mineração. Nossa mão de obra é mal remunerada, pois falta qualificação,

de um lado, e bons empregos, por outro. Estão transformando o Brasil num grande balneário. A este tipo de democracia a população deve ser dependente do governo.

Os anos do chamado regime militar foram marcados pela ordem e o progresso. E a baixa corrupção, sem impunidade. Chamam de ditadura os anos de crescimento entre os maiores do mundo na época, segurança e avanços sociais. As estatais davam lucro.

Na verdade, querem apagar da memória nacional os exemplos de notáveis realizadores, civis e militares de 64, que construíram o que temos de grande em nosso país.

Os militares sempre foram atores relevantes na vida nacional, no Império como na República. Foram e são responsáveis pela dignidade no exercício da função pública. Não merecem ser cobrados por desvios em seu papel constitucional para atender interesses eleitorais. Tudo tem seu tempo e sua hora.

Democracia é defender o interesse nacional, a vontade popular, o progresso e a ética no exercício da função pública nos três poderes.

EDITORIAL

Museu do Pontal é um oásis no Rio de Janeiro

Na volta do recesso de fim de ano, o Museu do Pontal começa 2026 em clima de férias para a molecada. A partir desta quinta-feira (8), terão início três semanas de programação especial, com shows, espetáculos circenses, oficinas de arte e educação ambiental, jogos, brincadeiras e até mesmo banho de mangueira na praça-jardim para refrescar o calorão que está previsto para tomar conta novamente da cidade do Rio de Janeiro.

As atividades acontecem de quinta a domingo, de 8 a 25 de janeiro, em diversos horários. A entrada, como sempre, é gratuita em todas as atividades e nas exposições do museu.

Logo no primeiro dia, os pequenos vão aprender sobre plantio de mudas na oficina do coletivo de educação ambiental Manguê e Tal (dia 8, 10h). Depois da atividade, um banho de mangueira no jardim vai garantir que todo mundo voltará limpinho para casa. Recomenda-se aos pais providenciar trajes de banho e toalhas.

Ainda na quinta-feira, as crianças vão soltar a imaginação na Oficina de Pipas (quinta, dia 8, 16h) do bicampeão mundial Max da Fonseca Cardoso.

Na sexta-feira (dia 9), os arte-educadores comandam uma sessão de brincadeiras coletivas, às 10h, e, às 16h, tem Oficina de

boi bumbá de argila com a artista Juliana Portella.

No sábado (10), às 10h, tem Oficina de Bolhas de Sabão com Clariana Maia. No mesmo dia, às 16h, o espetáculo Mágica do Riso vai levar a plateia a se encantar com os números de Patrick, o Mágico, além de dar boas gargalhadas.

No domingo (11), às 16h, o Museu promove um encontro de Folias de Reis. Estarão presentes três coletivos que mantêm viva essa tradição: Folia de Reis do Sertão Carioca, Folia de Reis Os 12 Apóstolos de Cristo da Cidade de Deus, e grupo de Folia do bairro Lins de Vasconcelos.

Até o fim da programação de férias, as atividades fixas Visita Musicada e Baú de brinquedos populares acontecerão de quinta-feira a domingo, nos intervalos das oficinas e espetáculos.

Em tempos de atividades cada vez mais excludentes e privatizadas, o Museu do Pontal desponta no Rio de Janeiro como uma das principais praças de cultura acessível para todos.

Suas atividades gratuitas incentivam o lado lúdico da molecada e resgatam tradições e brincadeiras populares que estão se perdendo com o tempo. Tudo isso em uma estrutura de primeiro mundo, em um dos mais belos e modernos museus da Cidade Maravilhosa.


Opinião do leitor

Doença

O mundo respira por aparelhos, recuperação difícil. O quadro piorou, depois da pandemia. Abusos dominam todos os setores. Crises sérias, criadas por desavenças ideológicas. Ninguém cede. O povo sofre, com a brutal hostilidade dos poderosos.

Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: ARSENAL DA MARINHA NO RIO TEM NOVOS DIRETORES

As principais notícias do Correio da Manhã em 8 de janeiro de 1931 foram: Esquadrilha Balbo inicia travessia do Atlântico, rumo ao Brasil. Daniel Salamanca é eleito o novo presidente da Bolívia. Indústria

de tecidos da Inglaterra está às voltas com a questão operária. Antiguidades históricas encontradas na Inglaterra e em Portugal. Arsenal da Marinha no Rio tem novos diretores.

HÁ 75 ANOS: ISRAEL APRESENTARÁ NA ONU PLANO DE PAZ PARA A COREIA

As principais notícias do Correio da Manhã em 8 de janeiro de 1951 foram: Tropas chinesas continuam avançando na Coreia e fazendo os exércitos da ONU recuarem. EUA estão próximos de testes com

a bomba de hidrogênio. Israel apresentará na ONU um plano de paz para a Coreia. Obras na Cidade Universitária seguem a todo o vapor. Plano prevê investimento de 700 milhões de cruzeiros no carvão.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@correiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Thiago Ladeira e Anderson Sá

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057
Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20
São Paulo:
Campinas:
www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.